

Da pirâmide à espiral: a construção da notícia no radiojornalismo ao vivo¹

Luã José Vaz Chagas²
Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Resumo

O presente artigo realiza uma análise do texto do radiojornalismo construído ao vivo na programação da CBN do Rio de Janeiro na noite de 17 de maio, após a divulgação do áudio da JBS envolvendo o presidente Michel Temer. O objetivo é realizar um estudo sobre a seleção e distribuição das fontes ao longo da programação e de que forma a informação foi construída no jornalismo de natureza substantiva. A hipótese é de que a linguagem textual e temática, no caso do rádio ao vivo, não segue um padrão como da pirâmide invertida, em pé, ou como a deitada no webjornalismo, mas num formato de espiral mudando de intensidade de acordo com a entrada de novas informações. Assim, a possibilidade de pluralidade e diversidade de vozes pode acontecer ao longo da programação, sem um padrão linear de construção da notícia.

Palavras-chave: radiojornalismo; fontes; espiral; pluralidade; diversidade

Introdução

Os estudos sobre diversidade e pluralidade de fontes no radiojornalismo, ainda que em suas primeiras experimentações, provocam questionamentos diários na possibilidade de multiplicação das experiências e entradas de novas vozes no noticiário. O jornalismo se torna uma grande assembleia, um espaço de disputa de sentidos entre diferentes atores sociais que, assim como na sociedade como um todo, exercem formas de poder de ditar os acontecimentos. A presença majoritária de fontes oficiais, empresariais, notáveis e ainda poucos que sejam oriundos das classes populares já foi evidenciada por inúmeras pesquisas (GANS, 1980; TRAQUINA, 2005; HALL et al, 1999; SCHIMITZ, 2011; RUTIILLI, 2014; CHAGAS, 2017).

A presença do outro, a alteridade e a busca do diverso pelas experiências dos pobres nas grandes e pequenas cidades ainda não são ouvidas com toda ressonância necessária que expressem as riquezas culturais que possuem (SANTOS, 2006). Por outro lado, as possibilidades de garantia dessa presença estão expressas na própria

¹ Trabalho apresentado no GP Rádio e Mídia Sonora, XVII Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 40º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Doutorando no Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (PPGCOM UERJ). Bolsista da Fundação Carlos Chagas de Amparo à Pesquisa no Rio de Janeiro (Faperj). Email: luaanchagas@gmail.com

instituição do jornalismo como espaço da democracia, como do meio rádio em si por suas características intrínsecas de proximidade e relacionamento. A curva do erro está na administração de concessões e acordos econômicos que impedem a democratização tão discutida pela sociedade (LIMA, 2013; MOREIRA, 1998; CHAGAS; 2012).

O presente artigo analisa a construção da notícia no radiojornalismo ao vivo da CBN do Rio de Janeiro na noite de 17 de maio de 2017, das 19h30 às 23h59. As notícias coletadas sucedem a divulgação no jornal O Globo³ do áudio encaminhado pelos irmãos Joesley Batista e Wesley Batista, proprietários do grupo JBS, que envolvia o presidente Michel Temer (PMDB) e correligionários como o senador Aécio Neves (PSDB) e o deputado paranaense Rodrigo Rocha Loures (PMDB). O objetivo é realizar um estudo sobre a seleção e distribuição das fontes ao longo da programação e de que forma a informação foi construída no jornalismo de natureza substantiva (ORTRIWANO, 1985).

A hipótese é de que o texto, no caso do rádio ao vivo, não segue um padrão como da pirâmide invertida (TRAQUINA, 2005), em pé (GENRO FILHO, 1987), deitada no webjornalismo (CANAVILHAS, 2007), ou no *diamond news* (BRADSHAW, 2012), e sim num formato de espiral mudando de intensidade de acordo com a entrada de novas informações. Assim, a possibilidade de pluralidade e diversidade de vozes pode acontecer ao longo da programação, sem um padrão linear de construção da notícia e envolvendo as potencialidades características do próprio meio. Ainda que inicial e de caráter exploratório, o estudo pretende contribuir para aliar os mecanismos de análise e produção do texto radiofônico à seleção das fontes na cobertura cotidiana dos acontecimentos.

Os modelos de pirâmide no texto jornalístico

O desenvolvimento da imprensa tem uma relação direta com os aparatos tecnológicos e o sistema capitalista instituído nas sociedades. A criação do modelo informativo chamado de *Penny Press* no Século XIX lançou nova compreensão sobre a notícia como produto de venda que deveria relatar fatos e não opiniões (TRAQUINA, 2005). A emergência deste novo discurso aliado ao aumento da tiragem e o preço que caía de seis centavos para apenas um centavo de dólar, proporcionou a comercialização dos produtos noticiosos em larga escala.

³ Reportagem de autoria de Lauro Jardim intitulada “Dono da JBS grava Temer dando aval para compra de silêncio de Cunha”. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/brasil/dono-da-jbs-grava-temer-dando-aval-para-compra-de-silencio-de-cunha-21353935>

É também a partir disso, na divisão entre fatos e opiniões, entre informação e propaganda, que o jornalista é visto na sociedade com o monopólio do saber sobre o que deve ser notícia ou não (SHUDSON, 2010). A cobertura da Guerra Civil norte-americana (1861-1865) foi marcada pelo surgimento de uma série de técnicas na construção das notícias. Entre elas a presença dos repórteres que tornou a guerra acessível aos leitores, com a realização das primeiras entrevistas, utilizada pela primeira vez por um jornal do período, o *New York Herald*, e o recurso a fontes múltiplas. Segundo Traquina (2005), nas notícias sobre o “Discurso à Nação”, após a utilização de formatos como o registro estenográfico (1790-1850) e a cronologia sobre o acontecimento (1850-1900), a reportagem sobre a mensagem teve a técnica da pirâmide invertida instituída a partir de 1900.

Já Fontcuberta (1993) assinala que ainda durante a Guerra Civil, o envio de informações via telégrafo com crônicas diárias demandavam de um envio rápido com uma regra de igualdade pelo número de profissionais que estavam cobrindo o acontecimento. Assim, com o envio de apenas o primeiro parágrafo dos textos, as principais informações tinham prioridades, enquanto que somente numa segunda possibilidade o restante era enviado. Regra esta, que segundo Canavilhas (2007, p. 29), “obrigou os jornalistas a alterarem a técnica de redação mais utilizada até então”.

O modelo que utilizava o lead tornou-se a partir de então uma prática recorrente no jornalismo e conferiu autoridade aos profissionais da informação. Para Tuchman (1983), o procedimento que se identifica com a objetividade faz com que os jornalistas possuam uma forma de estruturar a informação, da mais importante relativa ao acontecimento com o lead (o que, quem, quando, como, onde, porquê) às menos importantes. O modelo perdura nos mais diversos manuais de redação, no ensino do jornalismo voltado aos primeiros passos sobre a produção do texto no jornalismo impresso. Nos anos 1960, com a crítica à objetividade, vieram também novas formas de escrita com várias transformações na construção textual diferentemente do modelo rígido e fechado, principalmente pela via do *New Journalism* (WOLFE, 2005).

Para Van Dijk (1990), a estruturação dos relatos noticiosos em sequências informativas, com um resumo, seguido por uma série de orações não diferem da conversação cotidiana. Essa semelhança é parte da construção cognitiva de leitura dos discursos e a transmissão das notícias em diferentes ambientes. Zelizer (2004) na formação do conceito de comunidades interpretativas destaca os papéis que a história, a

antropologia, a sociologia e a psicologia contribuíram para a formação profissional e a construção de valores compartilhados, como o “faro para a notícia” e a própria construção textual como parte desse saber no dia a dia da profissão.

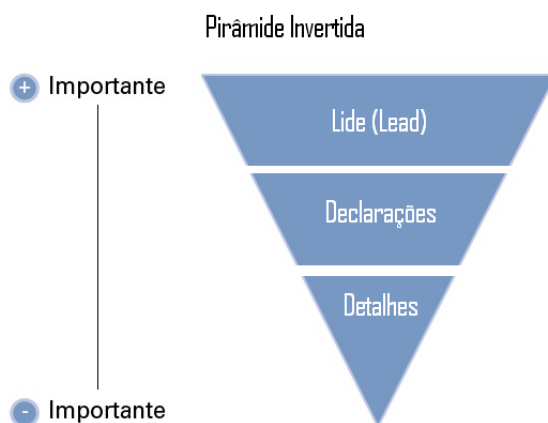


Figura 1: modelo apresentado por Traquina (2005)

Para Adelmo Genro Filho (1987), é preciso fugir da tese simplista de que a técnica teria nascido “de uma circunstância tecnológica e se generalizado por comodismo para impedir a consciência crítica”. Segundo o autor essa é uma hipótese racional da operação, de uma padronização do trabalho da redação que foge da possibilidade de encontrar as lógicas da exposição jornalística e a compreensão epistemológica do todo. O argumento central é de que a pirâmide deveria estar em pé, pois a notícia não necessariamente parte do mais importante para o menos, mas sim “do singular para o universal”.

Dessa forma, a singularização dos acontecimentos na particularidade que compreende o jornalismo como construção do conhecimento gera a possibilidade do alargamento na base da pirâmide. O texto jornalístico parte de um evento em si e desdobra a sua construção da forma proporcional ao público ou as amplas possibilidades de escuta da sociedade. De acordo com esse raciocínio, o lead permanece como a possibilidade “reprodução sintética da experiência individual” (GENRO FILHO, 1987), mas não necessariamente estruturado em um ponto específico do texto, o que impede generalizações que não reproduzem os acontecimentos.

Com as alterações proporcionadas pelo fluxo das notícias online, novos estudos relacionam as especificidades da produção jornalística para o ambiente da web. Barsotti (2014) identifica no que chama de “Mr. Web Gates” uma especificidade na seleção noticiosa onde o editor da *home page* se torna também um mobilizador da audiência a

partir de mecanismos como o número de acessos e a intensidade de leitura das notícias em seções como as “mais lidas” ou “mais comentadas”. Mais recentemente, Barsotti e Aguiar (2017) destacam o crescente consumo das informações via redes sociais decretando praticamente o fim das primeiras páginas nos jornais online como uma nova forma de leitura das notícias no meio online.

A estruturação dos conteúdos no webjornalismo levaram autores como Salaverría (2005) e Canavilhas (2007) a proporem a manutenção do modelo da pirâmide invertida nas notícias de última hora e a possibilidade de uma nova técnica nos gêneros que utilizassem as potencialidades de características como a hipertextualidade. A base para o argumento é retirada de Robert Darnton (1999) que salientava a importância de reconhecer especificidades do ambiente online para publicações acadêmicas com uma proposta de estrutura piramidal com seis camadas: resumo do assunto; a versão alargada com elementos dominantes; informação com mais documentação; enquadramento com referências a outros dados; nível pedagógico; e as reações dos leitores e suas discussões com o autor.

A partir dessas leituras e uma pesquisa com 39 alunos da Universidade de Beira do Interior, Canavilhas (2007) identifica padrões de leitura distintos nas notícias da web e sugere a adoção de uma técnica que se organize a partir da importância dos fatos sucedida pela quantidade de informação disponível em novos hiperlinks. Ao fim, propõe uma pirâmide deitada (Figura 2) com quatro níveis de leitura: I) Unidade base: formada pelo lead ou notícias de última hora que podem desenrolar-se em novas informações; II) Nível de exploração: resposta do porquê e do como com informações essenciais sobre o acontecimento; III) Nível de contextualização: oferecimento de mais informações além de conteúdo multimídia; IV) Nível de exploração: ligação da notícia a outros arquivos por meio da hipertextualidade.

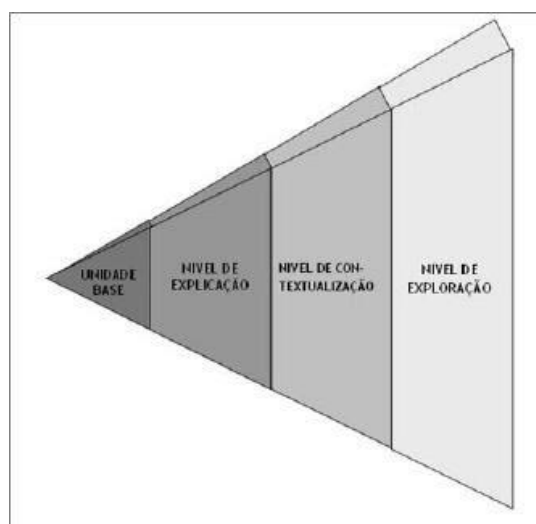


Figura 2: Canavilhas (2007)

Outro autor que também destaca as mudanças na produção jornalística no ambiente da web é Paul Bradshaw (2006) com o formato *Diamond News* (Figura 3). Para ele, a construção da notícia na redação convergente segue um formato de diamante em que o aprofundamento nas reportagens com a velocidade do fluxo informativo passa pelas seguintes fases: a) Alerta: o conhecimento sobre uma história com o envio de um alerta via dispositivos, como celular, emails, sites de redes sociais ou eventos organizados pelas fontes; b) Rascunho: a primeira construção da notícia, quase como um relatório preliminar com nomes, locais e fontes, com a possibilidade de atualização na medida em que novos dados aparecem; c) Artigo: a notícia construída com a sua natureza documental, em que o rascunho se transforma em um artigo com valores de produção mais elevados e que pode estar on-line; d) Contexto: o hipertexto se torna central com a capacidade de vincular a uma variedade de documentos, organizações e explicações; e) Análise/Reflexão: compreende a discussão ou debate sobre o movimento dos acontecimentos; f) Interatividade: ato de envolver e informar o usuário com uma combinação convincente de hipertexto, vídeo, áudio, animação e bancos de dados, construção de fórum, comentários, entre outras ferramentas; e g) Personalização: possibilidade dos próprios usuários de personalizarem informações de acordo com suas necessidades no estágio final de publicação.

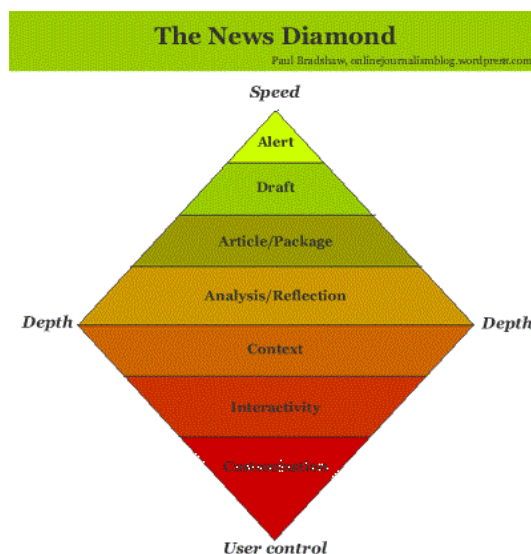


Figura 3: Bradshaw (2006)

É preciso nesse sentido realizar um aprofundamento nas possibilidades de produção em que nem todos os meios possuem o mesmo contexto de trabalho e nem sempre há mecanismos que levem à interatividade, como apontado pelo autor. Por fim,

um conceito que auxilia a pensar as especificidades do modelo do radiojornalismo é o da resolução semântica. O argumento de Fidalgo (2007) é de que a estrutura muda na forma, no caso das notícias com bases de dados, mas procura responder as mesmas perguntas da produção no modelo tradicional. Assim, é o processo que se altera em diferentes campos de classificação.

A proposta do autor é de que assim como uma imagem aumenta a qualidade com a resolução, a pluralidade e diversidade de notícias sobre um acontecimento pode ampliar a possibilidade de informar sobre um fato, aumentando a resolução semântica deste (FIDALGO, 2007). A confirmação dos dados e a complementação são bases da intensidade objetiva sobre os fatos cobertos pelo jornalismo diante da abundância de informações no cotidiano. Assim, o nível de contextualização representa um campo de classificação externa que procura tanto variáveis tradicionais de tempo e espaço, mas também possibilidades com o cruzamento de dados e a hipertextualidade.

Dentre essas características, é necessário olhar para a busca por uma definição mais apropriada às especificidades da construção da notícia no radiojornalismo ao vivo. Ao contrário de modelos como a pirâmide em pé (TRAQUINA, 2005), deitada (CANAVILHAS, 2007) e o *Diamond News* (BRADSHAW, 2006) no caso do rádio, as definições apontadas por Meditsch (2001) sobre as características essenciais do meio seguem um padrão que pode ser envolvido tanto pelos argumentos de Genro Filho (1987) como de Fidalgo (2007) em um modelo espiralado e não necessariamente hierárquico de produção.

Radiojornalismo All News e a construção ao vivo

O rádio possui características que influenciam diretamente na construção da notícia, como apontadas por Ortriwano (1985): 1) Linguagem Oral, 2) Penetração, 3) Mobilidade, 4) Baixo custo, 5) Imediatismo, 6) Instantaneidade, 7) Sensorialidade e 8) Autonomia. A própria seleção das fontes se dá de uma forma específica no processo de gatekeeping (CHAGAS, 2017; LOPEZ, 2009; SHOEMAKER e VOS, 2011). Como seguir modelos clássicos ou recentes na construção da notícia ao vivo diante do rádio expandido (KISCHINHEVSKY, 2016) e hipermidiático (LOPEZ, 2010)? Para Meditsch (2001), a padronização do discurso jornalístico do rádio supera o gênero gráfico ao estabelecer uma regularidade à espontaneidade da emissão sonora da fala. A profissionalização e a inserção de novas formas de tratar a notícia no rádio, o jornalismo

sonoro ganhou vida própria ao agregar texto, subtexto e demais elementos da linguagem sonora, como a música, ruídos e o silêncio.

Outro destaque é quanto ao discurso polifônico do meio com a alternância de sujeitos falantes no microfone, o que gera a necessidade de formatos diferenciados para a compreensão do ouvinte no momento de perceber diferenças entre fato e opinião, ou o que representa o papel do jornalista e da fonte na notícia transmitida. Dessa forma, o amadurecimento deste novo gênero representa mudanças tanto na forma, como na estrutura do conteúdo no meio radiofônico ao superar o gênero gráfico (MEDITSCH, 2001).

Uma das principais características no fluxo das informações em uma emissora *All News* é a repetição ao longo da programação. Pela condição irrecuperável da informação, clareza e precisão são bases para qualquer produção de conteúdo, além de que “o texto do rádio não pode ser nunca auto-referente, e deve ter uma estrutura lógica mais próxima de uma espiral do que de uma linha reta” (MEDITSCH, 2001, p. 184). A alternância dos sujeitos e a possibilidade polifônica do discurso radiofônico unem-se a uma lógica de sequencialização estruturada de forma circular, do *clock*, que substitui a linearidade. Ainda que a crítica do autor prevaleça sobre a homogeneização da estrutura da informação pelo fluxo estabelecido pelas emissoras, a polifonia do discurso jornalísticos é uma de suas principais potencialidades, no que condiz às fontes selecionadas e aos temas abordados.

O fluxo estruturado em uma forma circular, para além da linearidade é a base de uma lógica de rotação que envolve o tempo e o desenvolvimento da abordagem dos temas pela repetição: “O rádio *All News* não transmite apenas *news*, mas também uma dose considerável de informações já sabidas, cujo valor de uso para o ouvinte caduca pela repetição” (MEDITSCH, 2001, p. 202). É preciso considerar, contudo, que nesse sentido, os diferentes acontecimentos possuem novos desdobramentos que podem ter novas oportunidades de abordagens por diferentes fontes. Torna-se possível, a partir da diversificação das vozes, ampliar os conhecimentos não somente na lógica da repetição, mas também do aprofundamento em determinadas temáticas.

A partir dos conceitos apresentados, o estudo que se segue pretende buscar na cobertura de um tema, a forma com que a construção da notícia pode seguir características específicas no modelo radiofônico. O objetivo é analisar a seleção e distribuição das fontes ao longo da programação e de que forma a informação foi

construída. Para tanto, foram coletadas 20 unidades noticiosas veiculadas na programação da CBN do Rio de Janeiro entre as 19h30 e às 23h59 do dia 17 de maio de 2017.

Os materiais foram produzidos após a divulgação pelo jornalista Lauro Jardim do jornal O Globo, da transcrição do áudio gravado por Joesley Batista, proprietário do grupo JBS, com o presidente Michel Temer (PMDB) envolvendo uma suposta compra do silêncio do ex-deputado e presidente da Câmara dos Deputados, Eduardo Cunha. Os dados ainda envolveram correligionários como o senador Aécio Neves (PSDB) e um vídeo do deputado paranaense Rodrigo Rocha Loures (PMDB) carregando uma mala com R\$ 500 mil.

A cobertura sobre o acontecimento na noite do dia 17 de maio foi seguida de uma série de entradas ao vivo de repórteres, comentários e novas informações oriundas do Congresso que repercutiram a divulgação do jornal O Globo. Assim como afirmam Miguel e Biroli (2010), em que os que falam sobre política são os homens de gravata, os habilitados pela forma representativa, as fontes oficiais foram recorrentes na discussão sobre o tema no desenvolvimento da abordagem. Isso revela a recorrência a esse determinado tipo de agente que possui um acesso direto na promoção dos acontecimentos (MOLOTCH e LESTER, 1999).

A recorrência às fontes oficiais para a abordagem na construção ao vivo esteve presente em 53%, principalmente ouvindo senadores como Lindbergh Farias (PT) que por volta das 20h leu no plenário a transcrição da conversa entre Joesley e Temer e pediu o impeachment do presidente. A presidência da república durante toda a noite se pronunciou apenas por meio de notas, assim como outro envolvido no caso, o senador Aécio Neves (PSDB). Os deputados, como Alessandro Molon (REDE) que assinou um pedido de impedimento também foi ouvido, além da Polícia Federal, a Procuradoria Geral da República e um procurador da Força Tarefa da Lava Jato.

Naturalmente, o jornal O Globo aparece em segundo lugar com 22% entre as principais fontes utilizadas pelos jornalistas, onde foi publicada a informação sobre a conversa e que apareceu na programação pela primeira vez às 19h40, 15 minutos depois da postagem no site do colunista. As outras fontes selecionadas para discutir o assunto foram especialistas (16%) que debateram tanto as condições do presidente se manter no cargo, como as regras constitucionais caso ocorresse um novo impedimento ou uma renúncia. Por fim, fontes populares foram ouvidas em 9% dos casos em questões sobre

manifestações no Palácio do Planalto e na Avenida Paulista que pediam a saída de Temer. Os dados mostram por um lado a ausência de diversidade na discussão sobre o tema, mas quando olhados na perspectiva de construção ao vivo mostram as potencialidades de escuta de diferentes vozes na programação para a interpretação dos acontecimentos.

As 20 unidades coletadas durante o período de cobertura ao vivo da CBN mostram também o caráter espiral da formação do conjunto de textos que dão sentido e incorporam novos dados a notícia radiofônica. Assim propõe-se uma espiral informativa com zonas de intensidade altas (ZA) e baixas (ZB) que seguem a lógica clássica do *lead* e dos principais dados coletados até então partindo para a seleção das fontes e uma posterior contextualização do fato. A primeira Zona Alta 1 é identificada a partir das 19h40 com a notícia de que o dono da JBS gravou o presidente em uma conversa sobre a compra de silêncio do Eduardo Cunha, passando pela repercussão no Senado com senadores pedindo o impeachment (20h02) até os esclarecimentos da possível delação com os empresários (20h15). Nesse momento a fonte principal ainda é o jornal O Globo.

O segundo momento, a Zona Baixa (ZB 1) segue com a reunião de Temer com a assessoria de comunicação para elaborar uma resposta sobre o caso (20h19) já com fontes oficiais como o Palácio do Planalto, a Polícia Federal e dados contextuais sobre a empresa como a Operação Carne Fraca que envolveu o grupo Brasil Foods e parte da J&F que integra a JBS. O próximo momento de intensidade como uma ZA 2 é identificado entre as 20h26 com o envolvimento do senador Aécio Neves (PSDB) que teria pedido R\$ 2 milhões ao empresário e o desenvolvimento de informações como o protocolo do pedido de impeachment da REDE (20h40), a reunião da oposição no Senado (20h47), análise de especialistas (21h08) e o relato das primeiras manifestações com um buzinaço em frente ao Palácio do Planalto (21h33).

A ZB 2 começa às 21h37 a partir de entrevistas com deputados e senadores repercutindo o primeiro pedido de impeachment após a divulgação da transcrição do áudio; passando pela negociação sobre a ainda então possível delação da JBS com a Procuradoria Geral da República (21h40) até a nota oficial do presidente Michel Temer às 21h41 dizendo que não comprou o silêncio do ex-deputado Eduardo Cunha (PMDB). Nesse caso, a nota foi seguida com informações sobre os ministros que acompanhavam o caso junto com o presidente no Palácio reunido para debater a situação.

O terceiro momento tem em sua ZA 3, das 22h04 às 22h32, a repercussão de manifestações no Palácio do Planalto e na Avenida Paulista e uma entrevista com o coordenador dos movimentos populares que pedem a saída imediata do presidente. Já a ZB 3 possui a nota da assessoria de imprensa do senador Aécio Neves (22h45), o pedido do senador Ronaldo Caiado (DEM) pela renúncia de Temer (22h49) e o depoimento já marcado pela Polícia Federal de Joesley Batista (23h02). Por fim a ZA 4, que fecha a abordagem na noite do ocorrido (que continua pela noite e a manhã seguinte) possui uma nota sobre o procurador da Lava Jato que pediu leis mais severas em seu perfil no Facebook às 23h31 e os detalhes do crescimento da repercussão sobre o caso no Twitter com *hashtags* como “Fora Temer”, “Diretas Já” (23h32). A publicação nas redes sociais de fotos de Aécio e Temer juntos pelo ex-presidente Lula também foi motivo de abordagem na cobertura.

Ainda que esse caso revele apenas um extrato da cobertura que seguiu pela madrugada e durante todo mês com novos dados, informações e entrevistas, o momento de análise revela uma dinâmica específica da construção do texto no radiojornalismo ao vivo. A espiralidade que a sequência de informações proporciona no *All News*, destacado por Meditsch (2001) difere das propostas de uma pirâmide invertida (TRAQUINA, 2005), deitada (CANAVILHAS, 2007), ou no modelo do diamante (BRADSHAW, 2006). A proposta que se apresenta é de uma espiral informativa que se apresenta ao vivo, com Zonas Altas e Baixas que revelam a intensidade da cobertura, o surgimento de novos fatos e a possibilidade de ouvir diferentes fontes inclusive em momentos diferentes. Assim, ao invés de um texto estático e acabado, a potencialidade de diversidade se mantém na seleção das vozes que constroem a interpretação dos acontecimentos.

A Figura 4 sintetiza a análise da cobertura da noite do dia 17 de maio e a proposta de uma espiral noticiosa no tratamento das informações no rádio. A abordagem envolve os estudos acadêmicos sobre diversidade e construção da notícia com o reconhecimento dos mecanismos que envolvem as especificidades na forma de trabalho nas redações radiofônicas. Consideramos que ela não se constitui no modelo do clock, como apontado por Meditsch (2001), e sim em uma continuidade de debates com a contextualização, seleção das fontes, referencialidade e a utilização de diferentes formatos, como reportagens, boletins, entradas ao vivo, comentários, colunas, entre outros.

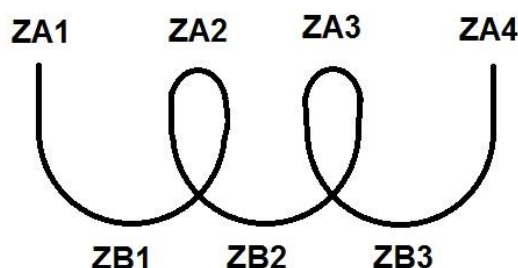


Figura 4: elaboração própria

É possível encontrar no manual da Rádio JB, o documento "Sugestões para o radiojornalismo", de 1981, produzido por Eduardo Meditsch e Cesar Motta afirmações de que o rádio deve abandonar a ideia de uma paginação: “o desenvolvimento do noticiário deve seguir a lógica de uma conversa humana, um assunto puxa o outro, de alguma forma relacionado a ele” (MEDITSCH e MOTTA, 1981, s/p). As questões são contínuas e se mantêm na fase da multiplicidade da oferta (BRITTOS, 2002) que vive o rádio expandido (KISCHINHEVSKY, 2016) e hipermediático (LOPEZ, 2010). Ainda preponderante, o ao vivo está no dial tradicional, como na webrádio, nos portais e aplicativos, além da TV por assinatura e outros dispositivos.

A construção informativa do texto jornalístico ao vivo como um conjunto temático possui concordâncias com os conceitos apresentados por Genro Filho (1987) e Fidalgo (2007). As informações produzidas partem do singular para a universal e aumentam a sua resolução semântica a partir da chegada de novos dados, entrevistas, notas, comentários. Nesse sentido, o papel das fontes se torna fundamental, pois além da abordagem de diferentes temas, a diversificação das vozes em cada acontecimento é fundamental para que as notícias revelem a polifonia entre os agentes no rádio (MEDITSCH, 2001) e o máximo possível de interpretações dos acontecimentos (ALSINA, 2009).

A ideia de sequencialidade no fluxo de informações na cobertura sobre o caso envolvendo o presidente remonta à crítica de Meditsch (2001) sobre o caducar das informações ao longo da noite em momentos como o Repórter CBN. A síntese repetiu durante vários momentos os mesmos dados apresentados no início da cobertura com o recurso do jornal O Globo. Da mesma forma que Canavilhas (2007) considera a manutenção de uma estrutura clássica no formato de “últimas notícias”, a síntese da CBN também revela essa organização. No caso do restante da cobertura, é possível encontrar na busca pelas fontes, o nível de contextualização (FIDALGO, 2007)

aumentando assim os dados sobre o caso, com questões que envolviam o envolvimento da empresa na Operação Carne Fraca e as repercussões entre os políticos.

É necessário considerar ainda a potencialidade que essa mesma sequencialidade em espiral pode proporcionar no aprofundamento das informações ao vivo no jornalismo radiofônico. A característica tende a subverter a ideia de apenas repetir notícias e em Zonas Altas e Baixas garantir diferentes posicionamentos sociais. Ao encarar o jornalismo como uma “técnica de construção da narrativa” que pela sua complexidade na produção da realidade, Abreu (2000, p. 144) argumenta que as fontes estão no primeiro nível de influência sobre o discurso jornalístico. A recorrência aos agentes oficiais, para o autor é uma das tradições no noticiário brasileiro pela importância que o Estado possui desde a colonização.

Essa característica aparece também durante a cobertura onde as fontes populares aparecem somente no andamento das manifestações no Palácio do Planalto e na Avenida Paulista. Somente no caso de São Paulo, o líder do ato é selecionado para falar sobre o pedido da Frente Brasil Popular para que o presidente renunciasse. Essa situação remonta ao acesso disruptivo, quando os acontecimentos promovidos pelas fontes se tornam um problema para os poderosos (MOLOTCH e LESTER, 1999). É preciso considerar ainda que as fontes populares representam aqui pessoas comuns apresentadas no noticiário como vítimas de uma situação ou que lançam mão de táticas de espetacularização para conseguir visibilidade e reivindicar melhorias no seu cotidiano (SCHIMITZ, 2011; PINTO, 2000; LAGE, 2001).

O estudo confirma a hipótese de que os modelos utilizados nas análises sobre a web e o impresso não dão conta da construção da notícia no radiojornalismo. O rádio ao vivo segue um movimento espiral, mas que necessita do aprofundamento e da contextualização por meio da pluralização e diversificação das fontes. É nesse âmbito que a potencialidade do meio se revela num movimento entre Zonas Altas de intensidade de informação e Zonas Baixas na busca por diferentes vozes para compor a narrativa como um todo. A temática abordada ao longo da programação, construída por características como a sequencialidade e repetição continua com a inserção do *lead* em cada início, mas alarga o número de interpretações sobre os acontecimentos.

Considerações finais

O rádio expandido e as redações jornalísticas vivem novas possibilidades do tratamento da informação, sejam eles no cotidiano da profissão ou então nos estudos

sobre o meio. No primeiro caso, o número de demissões, a diminuição dos profissionais nos processos de apuração e a intensificação do jornalista sentado (NEVEU, 2006) e ausente do palco dos acontecimentos (LOPEZ, 2010) é uma característica do momento. Questões que refletem diretamente no processo de seleção dos acontecimentos por uma ótica de tempo e espaço (TUCHMAN, 1983) e que privilegia fontes profissionalizadas.

No caso do texto radiofônico, a análise sobre o caso envolvendo o presidente Michel Temer (PMDB) revela as potencialidades intrínsecas ao meio, mas também a opção por uma determinada via já tradicional na construção da notícia com as fontes oficiais. A ausência de diversidade em um momento onde o fluxo informativo na busca de novos dados ganha uma dimensão de velocidade, a apuração demanda de contextualização (FIDALGO, 2007; BRADSHAW, 2006) e da construção do conhecimento na universalidade de representação da notícia (GENRO FILHO, 1987).

O texto que aborda diferentes mídias na web, inclusive os audiofônicos, assim como o impresso e o televisivo possuem demandas específicas como já apontados pelos diversos autores deste paper, da pirâmide deitada ao *diamond news*. Esse reconhecimento também provoca desafios nos estudos de rádio e as Teorias do Jornalismo numa demarcação do campo para o ensino e a prática. A construção da notícia ao longo da programação no fluxo ao vivo, independente da temática possui características específicas, assim como a seleção das fontes. Na proposta de um texto em espiral, envolvendo a abordagem temática em uma narrativa complexa e não acabada, em construção, possibilita críticas, mas também um olhar aprofundado sobre novas potencialidades no trabalho cotidiano.

Ainda que aponte novas possibilidades no estudo e no trabalho, o texto em espiral lança desafios sobre a abordagem no cotidiano. Nos momentos de coberturas específicas, como aqui apresentado, a espiral gira em torno de um eixo que segue um padrão que não necessariamente busca na diversidade uma intensidade nas discussões sobre os acontecimentos. Assim, a espiral não se resume a uma ou outra cobertura, ela pode estar em todo o processo de cobertura, com o eixo de cada temática, mas que se estende pela forma de cobertura no radiojornalismo.

A pluralidade e diversidade de vozes, inerentes ao processo de contextualização, apuração dos dados e a produção de novas abordagens na espiral noticiosa pode acontecer ao longo da programação. A notícia não segue um padrão linear de construção como nos outros meios e está inserida em diversos ambientes. Essa possibilidade

acontece ao ouvir os diferentes agentes presentes na sociedade, das oficiais às populares, das profissionalizadas às não profissionalizadas, das especialistas às testemunhais. A construção da notícia para um jornalismo de qualidade é um horizonte que não passa pela normatividade filosófica da profissão em torno da objetividade ou pluralização total, mas uma característica específica do meio radiofônico.

Ainda permanecem nesse processo, os constrangimentos profissionais e organizacionais, o jornalista sentado e ausente do palco dos acontecimentos, a diminuição do número de profissionais e a imposição do profissional multitarefa. Porém, delinea uma reflexão a ser debatida no ensino e na pesquisa relacionada ao radiojornalismo, assim como fornece uma base epistemológica específica em torno das teorias do jornalismo e como ela se adéqua ao meio diante das especificidades e características que possui o rádio expandido na atualidade.

Referências bibliográficas

- ABREU, João Batista de. **As manobras da informação: análise da cobertura jornalística da luta armada no Brasil (1965-1979)**. Niterói: EdUFF; Rio de Janeiro: Mauad, 2000.
- ALSINA, M. R.. **A construção da Notícia**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.
- BARSOTTI, Adriana. **Jornalista em mutação: Do cão de guarda ao mobilizador de audiência**. Florianópolis: Insular, 2014.
- BARSOTTI, Adriana; AGUIAR, Leonel A.. **A invisibilidade na home page e as mudanças nos modos de leitura das notícias**. São Paulo: Anais Compós, 2017.
- BRADSHAW, Paul. **Model for a 21st century newsroom – redux: how digitisation has changed news organisations in a multiplatform world**. [s.i]: Leanpub, 2012. Disponível em <https://leanpub.com/21stcenturynewsroom>.
- BRITTOS, V. C. **O rádio brasileiro na fase da multiplicidade da oferta**. Verso & Reverso. São Leopoldo: Universidade do Vale do Rio dos Sinos, ano 16, n. 35, p. 31-54, jul.-dez. 2002.
- CANAVILHAS, João. Webjornalismo: da pirâmide invertida à pirâmide deitada. In: BARBOSA, Suzana (org.). **Jornalismo digital de terceira geração**. Covilhã: Labcom – Universidade da Beira Interior, 2007.
- CHAGAS, Luã J. V.. **Cobertura eleitoral no radiojornalismo**. Rio de Janeiro: Multifoco, 2017.
- CHAGAS, Luã J. V.. **Periodismo de radio y las especificidades productivas del gatekeeping: selección de fuentes en la cobertura de lo impeachment**. Razón y Palabra, v. 21, p. 540-557, 2017.
- CHAGAS, G. **Radiodifusão no Brasil: Poder, política, prestígio e influência**. São Paulo: Ed. Atlas, 2012.
- CHAPARRO, M. C. **Pragmática do jornalismo: buscas práticas para uma teoria da ação jornalística**. São Paulo: Summus Editorial, 1994.
- DARNTON, Robert. **The new age of the book**. The New York Review of Books, 1999..
- FONTCUBERTA, Mar De. **La noticia: pistas para percibir el mundo**. Barcelona: Paidós, 1993.
- GANS, H. J. **Deciding what's news: a study of CBS Evening News, NBC Nightly News, Newsweek and Time**. New York: Vintage, 1980.
- GENRO FILHO, Adelmo. **O segredo da pirâmide – para uma teoria marxista do jornalismo**. Porto Alegre. Editora Tchê: 1987. Disponível sem paginação no site www.adelmo.com.br/bibt/t196.htm. Acesso em: 10 de junho de 2017.

- HALL, Stuart et al.. A produção social das notícias: o mugging nos mídia. In: TRAQUINA, Nelson (Org.). **Jornalismo: questões, teorias e “estórias”**. Lisboa: Vega, 1999.
- KISCHINHEVSKY, M. **Rádio e mídias sociais: mediações e interações radiofônicas em plataformas digitais de comunicação**. Rio de Janeiro: Mauad X, 2016.
- LAGE, N. **A reportagem: teoria e técnica de entrevista e pesquisa jornalística**. Rio de Janeiro: Record, 2001.
- LIMA, V. A. de. **Conselhos de comunicação social – A interdição de um instrumento da democracia participativa**. Brasília: FNDC, 2013.
- LOPEZ, Débora Cristina. **Radiojornalismo hipermediático: tendências e perspectivas do jornalismo de rádio all news brasileiro em um contexto de convergência tecnológica**. Covilhã: UBI/LabCom Books, 2010.
- LOPEZ, Débora Cristina. **A construção da notícia no rádio contemporâneo: O papel do gatekeeper no jornalismo radiofônico em ambiente de convergência**. Chasqui, No. 108, Diciembre, 2009.
- MEDITSCH, Eduardo. **O Rádio na Era da Informação – Teoria e técnica do novo radiojornalismo**. Florianópolis: Insular, 2001.
- MIGUEL, Luiz Felipe; BIROLI, Flávia. **Visibilidade na mídia e campo político no Brasil**. Dados – Revista de Ciências Sociais. Rio de Janeiro, vol. 53, n. 3, 2010.
- MOLOTCH, H. & LESTER, M. A notícia como procedimento intencional: acerca do uso estratégico de acontecimentos de rotina, acidentes e escândalos. In: TRAQUINA, N. (Org.). **Jornalismo: questões, teorias e “estórias”**. Lisboa: Vega, 1999.
- MOREIRA, S. V. **Rádio palanque**. Rio de Janeiro: Mil Palavras, 1998.
- NEVEU, É. **Sociologia do jornalismo**. São Paulo: Loyola, 2006.
- ORTRIWANO, Gisela Swetlana. **A Informação no Rádio: os grupos de poder e a determinação dos conteúdos**. 2ª ed. São Paulo: Summus, 1985.
- PINTO, M. Fontes jornalísticas: contributos para o mapeamento do campo. **Comunicação e Sociedade**. Braga: Vol. 14 (1-2), p. 277-294, Universidade do Minho, 2000.
- RUTILLI, M. **Rotinas produtivas e relação com as fontes no rádio informativo em ambiente de convergência: um estudo de caso de emissoras de Porto Alegre**. Dissertação (Mestrado em Comunicação). Santa Maria: Universidade Federal de Santa Maria, 2014.
- SALAVERRIA, Ramón. **Redacción periodística en Internet**. Pamplona: EUNSA, 2005.
- SANTOS, Milton. **A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção**. 4. ed. São Paulo: Editora USP, 2006.
- SCHIMITZ, A. A. **Fontes de notícias: ações e estratégias das fontes no jornalismo**. Florianópolis: Combook, 2011.
- SCHUDSON, Michael. **Descobrimos a notícia: uma história social dos jornais nos Estados Unidos**. Petrópolis, Vozes, 2010.
- SHOEMAKER, Pamela J., VOS, Tim P.. **Teoria do gatekeeping: seleção e construção da notícia**. Porto Alegre: Editora Penso, 2011.
- TRAQUINA, Nelson. **Teorias do jornalismo Volume I: Porque as notícias são como são**. Florianópolis: Insular, 2005.
- TUCHMAN, G. **La producción de la noticia: estudio sobre la construcción de la realidad**. Barcelona: Gili, 1983.
- VAN DIJK, Teun A.. **La noticia como discurso: comprensión, estructura y producción de la información**. Traducción de Guillermo Gal. Barcelona: Editorial Paidós, 1990.
- WOLFE, Tom. **Radical Chique e o novo jornalismo**. Tradução de José Rubens Siqueira. São Paulo: Companhia das letras, 2005.
- ZELIZER, B.. **Taking Journalism Seriously**. Thousand Oaks: Sage, 2004..